

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural
1995



CORA

Já faz dez anos...

HUMBERTO MAURO

“Cinema é cachoeira!”

■ Ronaldo Cagiano

Ronaldo Cagiano é mineiro de Cataguazes. Além de ser colaborador do DF-Letras, ele tem publicações em jornais do País e do Exterior. Mora em Brasília há 14 anos, é advogado e trabalha na Caixa Econômica Federal. Cagiano é um dos grandes abnegados da cultura do Distrito Federal, onde tem uma participação marcante na produção literária.



Humberto Mauro, entre atrizes, em 1940, durante as filmagens de *Bandeirantes*

Neste ano, quando se comemora em todo o mundo, o centenário do cinema, que teve nos irmãos Lumière o descobrimento da sétima arte, cabe abrir um espaço para se lembrar do seu pioneiro em nosso País, Humberto Mauro.

Mineiro de Cataguazes, com raízes na pequena Volta Grande, Humberto Mauro foi um antecipador, pois driblando as limitações técnicas e as dificuldades financeiras do início do século, firmou as bases para a elaboração da arte cinematográfica no Brasil, época marcada pelo arrojo, pelo romantismo e por um cunho eminentemente vanguardista, numa trajetória que o particularizou como um dos maiores nesse campo.

Foi em 1895, em Paris, no Boulevard de Capucines que se realizou a primeira projeção cinemato-

gráfica, vindo chegar a novidade por aqui no ano seguinte, quando na tradicional Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, realizou-se, ainda que precariamente, a primeira sessão de cinema.

Com Humberto Mauro, deu-se o pontapé definitivo para o que viria a se constituir o cinema nacional, iniciando-se o “Ciclo de Cataguazes”. Em 1925, com parco capital e instalações modestas, improvisando com uma “Pathè Baby” de 9,5mm, num estúdio de fundo de quintal, HM conseguiu produzir inúmeras películas, legando à história do cinema nacional o que há de mais genuíno e autêntico na arte de dirigir: *Ganga Bruta*, *Sangue Mineiro*, *Brasa Dormida*, *Thesouro Perdido*, além inúmeros curtas e documentários. Aliás, foi Mauro quem revelou a primeira atriz do cinema brasileiro, Eva Nill - pseudônimo

da grega Eva Comello -, filha de um famoso fotógrafo local, que radicou-se em Cataguazes e ali morreu em completo ostracismo, sem holofotes, longe da mídia.

“Cinema é cachoeira!”, dizia Humberto Mauro. E nesse sentido laboraram inúmeros críticos, entre eles Alex Vianny e Paulo Emílio Salles Gomes (autor de “Humberto Mauro, Cataguazes, Cinearte”), obra que faz um formidável rastreamento da cultura e da produção cinematográfica nacional).

Do cinema primitivo aos nossos dias, a filmografia nacional vem experimentando grande evolução, ainda que submetida aos influxos, aos desfechos e às dificuldades da burocracia oficial, oscilando entre momentos de intensa produção e períodos de escassos recursos materiais e estéticos, o que tem feito com que a arte em tela resista aos tropeços que lhe impõem as contingências políticas e econômicas, para se projetar como obra maior, apesar da massificação televisiva, das benesses do vídeo, da comodidade das emisoras a cabo e por assinatura.

O que falta em nosso cinema são instrumentos que garantam a produção, direção, distribuição e comercialização e, conseqüentemente, a solvabilidade do empreendimento. Não se pode contentar com sua alienação aos ditames oficiais ou aos pseudo-incentivos de leis oportunistas, mas buscar a sua eman-



Típicos personagens de época

“Humberto Mauro firmou as bases para a elaboração da arte cinematográfica no Brasil”

ciação como indústria de produção cultural e de lazer, capaz de viabilizar projetos de produção e direção.

Não se pode perder de vista um cinema que já deu provas de maturidade, talento e competitividade. Desde Humberto Mauro, Adhemar Gonzaga e Mário Peixoto, passando pelo cinema novo de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, até Vladimir Carvalho, Silvio Tendler, Rui Guerra, Walter Lima Jr., Tuzuka Yamazaki, David Neves, Arnaldo Jabor, Joaquim Pedro de Andrade

& muitos outros, desembocando nas mais recentes produções (Lamarca, Carlota Joaquina, Sábado, A Festa etc), o cinema brasileiro mostra-se capaz de enfrentar todos os desafios e como a Phoenix generosa, renascer das próprias cinzas.

Portanto, o centenário do cinema brasileiro remete-nos ao altruísmo de Humberto Mauro, como fonte motivadora da arte em nossos dias, de sorte a inspirar sua retomada triunfal, para que se possa resgatá-lo, preservá-lo e reinseri-lo no mercado mundial.

■ Ronaldo Cagiano, escritor

